

TRAVESSIA

Poemas

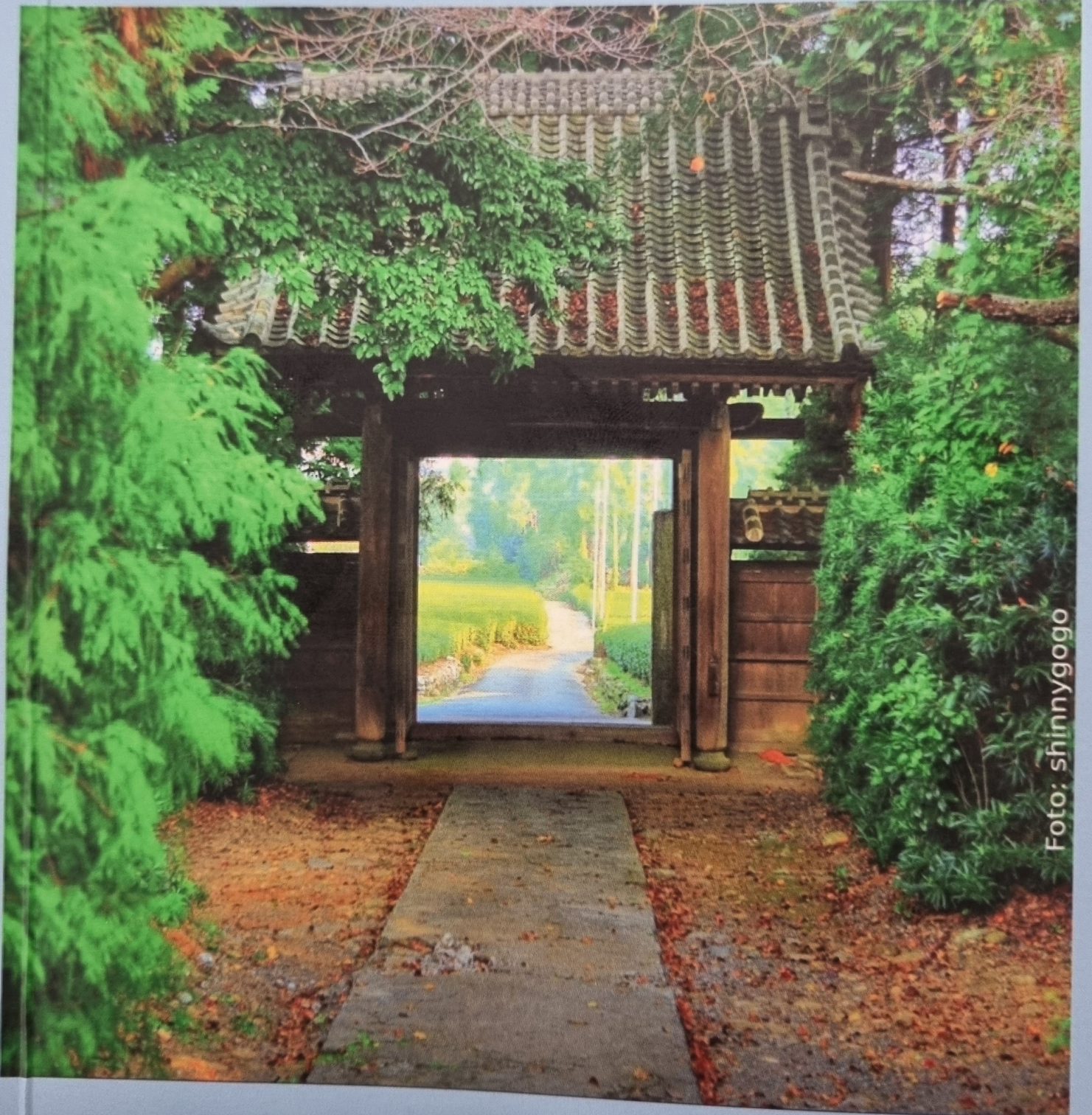


Foto: shinnygogo

Valdir Leite Queiroz

Assim como a fotografia registra a silhueta das coisas, a poesia registra a silhueta da alma. Infelizmente, nestes tempos de selfies, é muito mais fácil, simples e rápido registrar a epiderme das coisas, do que registrar a epiderme da alma.

E tal qual a fotografia, a poesia sempre foi mais borbulhante e pungente nos adolescentes e jovens. Pelo menos era, pois, naquela época, os concursos de poesias e os cadernos "ocultos" de poesias eram quase tão comuns, quanto a catapora.

TRAVESSIA

Poemas

(Coletânea – 1.974/2.004)

Contato com o Autor:

mom.advocados@gmail.com

www.avbbmsl.org.br

Valdir Leite Queiroz

TRAVESSIA

Poemas

(Coletânea – 1.974/2.004)

Contato com o Autor:
mqm.advogados@gmail.com

www.avbbrasil.org.br

Queiroz, Valdir L.
Travessia / Valdir L. Queiroz. – São Paulo : Clube de Autores, 2012.

165p.

ISBN 978-85-5697-800-4

1.Literatura brasileira. 2. Poesia. I.Título

CDU: 821.134.3(81) -82.1

Todos os direitos reservados. Proibida reprodução,
armazenamento ou transmissão, sem prévia autorização.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-5697-800-4

Pedidos:

Via internet em todas as grandes livrarias e MarketPlace

Contato com Autor: mqm.advogados@gmail.com

Valdir Leite Queiroz

TRAVESSIA

Poemas

Contato com o Autor:

mqm.advogados@gmail.com

www.avbbrasil.org.br

Queiroz, Valdir L.

Travessia / Valdir L. Queiroz. – São Paulo : Clube de Autores, 2012.

134p.

ISBN 978-85-5697-800-4

1.Literatura brasileira. 2. Poesia. I.Título

CDU: 821.134.3(81) -82.1

Todos os direitos reservados. Proibida reprodução, armazenamento ou transmissão, sem prévia autorização.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-5697-800-4

Pedidos:

Via internet em todas as grandes livrarias e MarketPlace

Contato com Autor: mqm.advogados@gmail.com

Sumário

Filosofia do Eco	6
Amordaças	7
Conflitos e atritos	8
Soldado	9
Significado	10
A Sociedade	11
O Céu	12
Necessidades?	13
Asas	15
Sonho de Padre	16
Elos	18
Eu Diria Que...	19
Flor Lunar	21
Só Para Loucos	23
Gaivota	26
Dissertação I	28
Dissertação II	29
R-OH	30
Bruxa Madrinha	32
Inércia	33
TV	35
Pai é Pai	37
Quinta: Atentado contra a Igreja	39
Ressaca	41
Paralelas	43
Goleiro	45
Só	47
Meu Mundo	49
Calo	50
Prólogo	51

Sumário

Há Muito Já Morreu	52
Rana	54
Recesso I	56
Recesso II	58
Recesso III	60
Mara	61
Pausa	62
Favela	64
Ressonhar	66
Poema em Dor Maior ao Exmo. Sr. Presidente	67
Ao AI-5, Sem Ironia	68
Um Poema Diurno Para Mary	69
Aos Meus Amigos “Com Amor”	70
Retirante	72
Retrocesso	73
Prelúdio Número Um	74
Alienação	76
Ó Pátria Amada, Idolatrada, Salve... ..	78
Psicose	79
Prelúdio Número Dois	80
Prelúdio Número Três	81
Preciso Ver a Lua.....	82
Prelúdio Número Quatro	84
Aqui Já: Talvez	86
Canto Noturno I	87
Noite	88
Detalhe	90
Se Eu Fosse Falar de Saudades	91
Confissão	93
Amorfobia	94

Sumário

Auto Delato	96
Carta Marcada	98
Pra Não Dizer Que Não Falei de Dores	99
Pátria	100
Aqui, 20 de Julho de 1.982	101
P.S.	102
Cidade Grande	103
Natal S.A	104
Juventude Aliviada	105
Vida I	107
Gente Grande	108
Mudança	109
Morte e Vida Severina	110
Modernidade	111
Amor	112
Hipocrisia	113
África	115
Felicidade	117
Partida	118
Travessia	120
Cerco	122
Pedestre	124
Dilúvio	125
Pipas	126
Vitor	128
Medo do tempo	129
Noite	130
Saudade do Futuro	132
Reencontro	133

FILOSOFIA DO ECO

Na ausência, a saudade
na saudade, um vulto
no vulto, a esperança
na esperança a
felicidade

na felicidade, o tempo
no Tempo, o eco
no eco, o caminho
no caminho, o cansaço
no cansaço uma
certeza...
o fim?!

AMORDAÇAS

Empresta-me teus
olhos,
para que eu saiba que
me observas;

empresta-me teu
coração,
para que eu saiba que
me amas;

empresta-me tua alma,
para que eu saiba que
quando
não mais existir, nem
olhos
nem coração eu existirei
em tua alma.

CONFLITOS E ATRITOS

Não ignore o ignorante,
a não ser que você seja
um.

Não grite com o surdo,
a não, ser que você seja
mudo.

Não chore como os
homens,
e sim, como as
crianças,
pois os homens não
choram.

SOLDADO

Não apartes teus lábios
dos meus
para que eu não me
sinta como
um soldado sem pátria.

SIGNIFICADO

Galope atroz
e boca ferosa, sem
língua de gente
que leva ao sonho do
delírio contínuo.

exceto o certo, quentura
mestiça
mestiça a galope em
delírio febril.

A SOCIEDADE

Bolinha de gude
que a águia levou, (para
o Céu?)
no estômago guardou e
nasceu

nasceu o orgulho de
defecar em cores
o que a inocência
chorou.

O CÉU

Você com cara em
paisagem
pintou o Céu

o Céu pintado,
mostrou tua face
barroca

com cara barroca
pintou-me em cores...

gozado!! eu fiquei
igual ao Céu...

você já viu o Céu
pintora barroca?

NECESSIDADES ?!?
(A nós Retirantes)

Cultivei a sabedoria e
aprendi
flutuantes delírios,
ressonantes
pesadelos e suspiros de
peixe.

Na borbulhaste fresta
de luz
senti as guelras
procurando
passagem...
passagem para um
pesadelo maior;

Com uma ferida
sangrando
procuro adaptar-me no
fundo do oceano
montado num tubarão
faminto;

Sem uma cruz no peito

e cheirando a sangue
procuro viver
serenamente
no castelo de Drácula;

Com a distância
agasalhada
em farrapos e com
distorções
de guelras a procurar
oxigênio, reencarno em
outro.
em outro, descendente
da dúvida
e discípulo do medo.

ASAS

Quando o crepúsculo
terminar
não digas que a
penumbra chegou,
e sim, que as estrelas
pedem
olhares dos que têm
asas.

SONHO DE PADRE

Flutuo sobre nuvens
Coloridas sou o
inconsciente da
consciência perfeita

lasco lenha, faço casa
tiro casca, faço lenha.
choro pó, bebo sorriso
vejo rato, mato gato

desço a terra como
bomba...
bebi o sangue e o
corpo.
- o pavio está
queimando
sou o santo
confessando
- o pavio está
queimando

o padre está pecando:
quer ser gente
- o pavio está
queimando

o beijo comeu a língua
- o padre é mudo

o beijo comeu o pavio
- ...

ELOS

Aprendi com
meu velho tênis
que o calo do teu
coração
deve ser bem mais
doído
que o calo do meu
dedão do pé.

EU DIRIA QUE...

Acabou-se.
como?...
como a vida:
estupidamente.

onde?...
onde o infinito tem fim:
nos meus olhos.

por quê?...
eu diria que foi pelo
meu ser, não ser
sobrevivente do salário
mínimo;

eu diria que foi pelo
meu ser não ter a idade
do sol;

eu diria que meu ser
esgotou-se de ser um
não ser;

eu diria que você
é feliz amando um
estranho.
eu sou infeliz como um
estranho amado.

FLOR LUNAR

Ando pensando em assassinar
a lua.

Quero pegá-la na hora
Mais vesga,
Quando todos os sonhos
Estiverem desfeitos.

Então andarei soturno
Ante as flores sonhadas.

Farei silencio, como a lua o fez,
Não lagrimejarei palavras,
Como as flores o fizeram,
Serei lua minguante
Como a lua o foi...

Então assassinarei as flores,
Deixarei apenas as lunares
Que já são órfãs.

Por último
Abrirei os olhos de todos
os sonhos para que vejam
a outra lua não assassinada.

E como mártir pedirei
A metade que me falta,
Que me sepulte sob
a primeira flor desta
nova terra.

SÓ PARA LOUCOS
(Ao Vilson Cordeiro)

Arrume tua mochila
peregrino da loucura!
o teu momento é
chegado, digas adeus
ao paraíso e cometas
teu pecado;

leve em tua mochila a
tua infância de moleque
arteiro, padeiro e
bananeiro

leve também a nossa
adolescência
nossa porque você era
um
pedaço de nós, e nós, o
teu resto

leve ainda tudo que
somos:
- Um orfanato...

não se esqueça de levar
o primeiro e último
momento importante de
tua vida: o teu sim.

e no útero de tua
mochila, leve tua Eva
saciada, e seja tu,
somente tu, a fonte que
a sacie

mas que tua fonte não
seja uma poça d'água
que a terra consome em
minutos

que tua fonte não seja
um lago,
que não resiste a
estiagem natural

que tua fonte não seja
um rio que uma simples
máquina pode alterar
seu curso

nosso desejo é que tua
fonte seja as estrelas,

uma ou duas poderão
se extinguir.
todas, jamais.

que as estrelas seja tua
meta o sol tua filosofia
de vida e nossos
desejos o teu
destino...

vá! peregrino da
loucura o teu momento
é chegado, digas adeus
ao paraíso
e cometas teu pecado.

GAIVOTA

Na sombra dos teus
lábios
procurei os meus,
o Céu, fez-se sombra;
a estrela, fez-se
sombra;
a nuvem, fez-se
sombra...

nossos lábios
perderam-se
nas trevas.

medi a ansiedade no
teu
mar límpido e azul,
eu, gaivota, fui às
alturas,
e o amor disfarçado em
instinto,
mergulhou em ti, mar
límpido,
para saciar a fome.

no mergulho o sol fez-
se luz,
a estrela fez-se o lar da
visão
a nuvem fez-se amiga...

teus lábios fizeram-se
gaivota.

DISSERTAÇÃO I
(nov.78)

Grito no espaço
procurando
o teu grito, que tu não
gritaste
não sei porque ou por
que...

mas tu me ensinaste,
não sei como nem
onde,
a procurar o meu grito
que
morre no teu, qual
sombra
sem luz que forma uma
cruz
e os olhos não vê.

DISSERTAÇÃO II
(dez.78)

Perdi-a no sábado
inebriante,
com álcool amenizado...

R-OH
(dez.78)

Traga estas convulsões
de alçados vôos
benditos;
venha neblina da mente
torne-me credor dos
teus delírios matinais

não me queira como
réu,
dei-me apenas a tua
sensação
de gaivota dos mares:

flutuar nos teus amores
(alguns prisioneiros
d'alma,
alguns prisioneiros da
mente,
alguns prisioneiros do
céu) e
morrer no teu
amanhecer.

teu cheiro de desgosto

(apenas cheiro) em
mim, sempre
mostrou o êxtase de um
vôo de todo
o meu ser pôr paraísos
benditos

não te quero como
amante
mas te desejo nas
noites de máscaras...

traga meu cavalo de
vento,
busque minha face sem
máscara,
traga minha mente sã e
busque
minha lágrima
escondida,
só você sabe onde...

minha saudade extinta,
meu par de asas ocultas
minha silhueta de gente,
só você sabe onde...

só você...

BRUXA MADRINHA
(dez.78)

Sinto-me alado, neste
teu corpo de mãe
gaivota,
sobrevoando mares
artificiais
-Sem veleiros para
acolher-me
sou pedra e criança

meu sangue vai
pestar
e meu coração controle
buscará nesta tua boca
de bruxa-madrinha.

INÉRCIA
(Jan/79)

Trabalho pó
quando a necessidade de
línguas
vizinhas me diz moleque
devedor de vossas
tagarelices

Quero um mundo de
ninharias
onde o instinto seja a alma
de cada ser

Quero um mundo de
silencio
onde a língua seja
complemento do prazer

-Vivo o mundo
o mundo de pais solteiros
crianças leves e bebes
sem sangue,
o mundo de salários
mínimos e
políticos máximos

Sempre que a inércia
procura-me, deixo o mundo
Gosto muito dela, e
sempre
conversamos sobre a cor
do avião.

TV
(jan.79)

Hoje vou ligar minha TV.
canal único precisa
de toques nem manobras
a energia que a move é o
silêncio, a inércia o teu
vídeo

Eu te convido a ver
meu programa de soldados
heróis
que te ensinara como
vencer a
si mesmo usando a
violência

Mostro-te o anuncio
da pílula que cura insônia
mau hálito, febre, gripe e
excesso de fartura; mostro
só
a você que é meu amigo e
tem

uma TV como a minha

Na minha sessão coruja,
adquiro silêncio, e te faço
ver a favela de sapos
coaxando, aranhas
tecendo
mortos e água colorida
alimentando bocas

-Sinto cheiro de sono:
fecho os olhos e me ligo
na tua TV.

PAI É PAI
(fer/79)

pai, você meu pai,
que fez do prazer de um
momento
o teu grito
Você que me fez pôr
desejo da carne
e não por amor, você que
me viu
crescer com sabor e odor
Que amou meus
momentos felizes
e me fez adotivo na dor...
Pai, eu subi na fumaça de
tua
desgraça e engoli tua ira
de cão
vira-lata...
tu, meu pai, que guarda no
bolso
e no intestino grosso a
alma de muitas

peessoas, com a mente
poluída de cultura
às avessas, amanhecerá
honroso e pomposo diante
de almas defecadas
você, meu acaso de pai,
tens nos olhos
o tesouro do clã; no corpo
um manequim
de sarampo; nos membros
o pão sustento e a vítima;
na língua um ninho de
lepras para almas sadias.
Pai, eu não quero ser pai!
Pai, eu não quero ser filho!
Pai, decepe tua língua,
transplante
o teu cérebro e ensina-me
a ser pai!!!

*(teus filhos não são
vossos filhos; são filhos e
filhas da ânsia de viver -
"Gibran")*

QUINTA: ATENTADO
CONTRA A IGREJA
(fev.79)

Pintaram-nos de cópia na
quaresma e disseram-me
que
original é fantasia de
carnaval,

Agora o pecado cabe a
nós
que andamos ruas
paralelas,
os assombros cabem a nos
que
trabalhamos pó e poeira
somos,
as qualidades, agora
desprovidas
de qualidades, restam a
nós:
Pois as almas vizinhas,
mudaram-se
para os deleites da tribo
- Amanheceram me na
porta do mundo e de

mundo na porta procuro a
saída

Deram-me formulas de
inseticidas
de vossa tribo e
mostraram-nos como
vírus no sangue de vosso
clã...

Resta-nos, sorrir para o
dentista.

RESSACA

(mar.79)

Já é tempo de matar
tua ressaca.
é tempo de engolir este
cansaço e tirar deste
dilúvio
apenas o néctar que te
alimente

É tempo de triturá-lo
mastigá-lo, saborea-lo
como
um fruto
é tempo de fazer de húmus
teu coração e deixar
germinar
a semente que cresce em
teu peito...
é tempo baby!

Das virtudes que persistem
em ti baby, deverias
fazer um oásis para as
almas da sede

Deverias abrir rotas
fora do teu coração e
sufocar teu grito no oásis
que tu criaste

Podéria tu Baby,
fazer girar tua cabeça
e perder este pensamento
que te sufoca

Deverias baby, usar tua
realidade, teu silêncio
tua saudade e teu amor
para com a lua:
a lua tem rota

- Fiz eu, com minhas
palavras,
um cântico para teus
desapegos?
Fiz eu um alarme em prol
de tuas virtudes?...
Fiz eu meus pensamentos.

PARALELAS
(A Pompeia)
(Mar/79)

De meus amigos presentes
encontro apenas o nome e
a matéria que
os ("identifica")
já não são os mesmos
tuas mentes procuram
coisas que a minha não
pretende encontrar, tuas
passadas aos
poucos se misturam a
outros rastros que
desconheço;
tuas palavras, que sempre
me faziam a cabeça
tornaram-se ruídos
inidentificáveis. Não sei se
caminho louco
ou se com loucos caminho.
Luto para preservar a
espécie.
Procuro refúgio, refúgio
com os que se foram,

procuro e não espero,
temendo ser dito e escrito
como ovelha negra. As
coisas que procuro e não
encontro, faz-me diluir-se e
diluído permanece meu
coração que procura
refúgio nas gaivotas do
bando.

- As gaivotas têm o enigma
do gostar, do amor e do
sabor e como viciado
perco-me entre as
gaivotas:
com as gaivotas vivo uma.

GOLEIRO

(Ao Geraldo,b(g)oleiro)

(Jun/79)

Em colapso de gol
morreu teu coração.
(em vida a nebulose como
guia.)
de grande a partida o teu
coração
parou.
fez-se gente certo dia e
certo dia
desfez-se; não como
gente, desfez-se
como pássaro em vôo:
procurou as regras da vida
nas altitudes inversas e
aprendeu
o segredo do vôo.
não era pássaro, mas se
fez pássaro;
não era neblina, mas se foi
na nebulose;
não era folha, mas no solo
fez

muitas árvores; não era
réu, mas
como réu um caminhão o
levou.

SÓ
(A nós, Irreais)
(Set/79)

vontade.
sede irreal.
eu, incapaz, sofro com
o espírito morto;
angústia e fome
medo e sofrer.
labuto... labuto saudades
- Amigos! como viver?

derrota sem luta
fome sem pão e
amor sem razão

o motivo inerte
acalanta o meu pranto
- Amigos! como ficar?

o peito emigra
o ser se desfaz.

resta o verme, o pó, o
nada;

e o verme vive
e o verme tenta
e o verme não morre.
- Amigos! como voltar?

MEU MUNDO
(A nós, poetas)
(nov/79)

Vou habitar o cume dos
picos e germinar
minha colmeia.
viveremos todos em um,

seremos soldados,
seremos bandidos;
seremos crentes,
seremos ateus

ninguém só, será.
todos unidos, serão.

CALO
(fev/80)

pego meus pensamentos
e não vejo agasalho
para... ouvi-los.
calo.

o rio que desce torto
para seduzir a flor
mais próxima da curva
morre sempre em palavras
soltas:represa, presa;
não beber e correr

fermento o tormento de
crisálidas no vento
e de eventos sustento
a morte do ente.
entre pensamentos.
calo.

PRÓLOGO

(fev/80)

chegaste ontem, e hoje
já te proponho deixar-me
pousar.
vivestes voando nos meus
pensamentos e de
debandar
tenho asas cansadas;
sinto o teu voar indeciso,
mas quero ensinar-lhe a
pousar porque tens o ideal
de uma gaivota.

em noites sem janelas
os choros se confundem
porque tudo é cego;
em primaveras as mãos
perdem-se, não há
alimentos,
há obrigações de se
desejar
outras primaveras.

- Estamos na primavera?

HÁ MUITO JÁ MORREU
(nov/80)

Ando procurando palavras
para engolir esta cerveja
que fustiga meu olhar

talvez a palavra seja:
minha separação é lenta e
cruel, e isto me faz viver
de olhar fustigado,

não tenho culpa se me
ensinaram a brincar de
bem-me-quer malmequer
com um revólver sem balas

pois há muito, já morreu
o que eu queria que
nascesse em mim e em
você, minha amiga!

o medo sonoro é sempre
um medo voador, e isto
é bom, minha amiga,
pois você não voa

mas o meu medo é interno
e sem ecos
dele ninguém sabe nem
sonha
saber

vivo-o em sonhos
vivo-o e em vida
e vivo-o em degenerações
mentais.

RANA
(jan/81)

Tantos gritos
tu já gritaste Rana,
porque não fazes uma
pausa
para ouvirdes os meus
ecos?

só há uma necessidade
Rana:
a de não contar o tempo

o tempo desnuda mentiras
que eram verdades em
nossas
cabeças

o tempo conta léguas
em nossas cabeças
enquanto

criamos cabelos
para serem percorridos
pelos mesmos
velocímetros.

sempre me perco
quando procuro constatar
minha existência: porque
procuras deglutir
esperanças?!

não vejo razão para chorar
quando me sinto
assassinado,
mas, tenho precisão de
fazê-lo
quando me aponto no
espelho e
sei que estou vivo, como
vivo.

só há um caminho
a seguir: ser seguido!
ser seguido, Rana!!!

RECESSO I
(Jun/80)

Fazer-te flor eu sempre
quis,
levar-te por mares virgens
também.
porque não querer agora
morrer contigo?

Vivendo no agreste
sempre sofri e em vãos
rasantes talvez vivas
meu coração,

Ele que sempre teve
artérias
de gaivota certamente se
tornará um teólogo
modernista
que fará conferências
sobre
mares virgens.

E eu te confesso teólogo:
jamais quis meu encéfalo
estes patamares habitar,

Se aqui vegeto
é porque quero unir-te
encefálo-coração.

RECESSO II
(Jun/80)

O grito que trago no peito
não é grito
é o avesso do eco que
tornou-se inquilino
do meu ser.

Se vivo descalço
porque vens habitar-me?
se trago sem sonhos
a cabeça,
porque insistes em fazer-
se presente?
se meu coração vive(vive?)
em recesso
porque queres explodi-lo?

-Espero vivermos (eu e
você) ate a terra do Bem-
Virá,
lá!! quero vomitar-lhe
inquilino maldito;
farei meu ser sonhar e voar
e sobre a neblina de meus

olhos, quero ver-te
vomitado, chorado e
matado.

RECESSO III
(Jun/80)

Ó musa!
se me queres vivo.
dai-me água e pão, não
tenhas
medo que eu devore
esta estrada

Minha fome pode ser
nutrida a distância,
basta dar-me o sentido
da distância.

não quero implorar o que
era meu, se não posso
lutar
pelos meus eventos, peço
que
matem antes os meus
pensamentos.

MARA
(Jul/80)

Se trago as palavras tortas,
perdoe a estrada que
seguí,
nela tinha um pardal sem
vôo,
uma flor sem mãe e
um irmão sem pão.

Com certeza um dia
meu pardal criará asas,
se voará!!? eu não sei;
talvez meu irmão (sem
pão) o saiba, ele soube o
destino da flor que adotei.

Eu só quero um canto
que mude a estrada que
sob meus pés faz-me
filho sem pão e você flor
sem mãe; com certeza
este
canto virá torto como
minhas palavras.

PAUSA
(Ago/80)
(A Pompeia)

Sinto-me mutilado, não de pés
ou mãos, porque estes ainda
estão
comigo; foram feitos em mim
e fazem parte da minha falsa
parte.
Estou mutilado de coisas que
adquiri e cresceram na minha
cabeça e que foram tornando-se
pedaços importantes de mim. Tão
importantes
que agora, sem eles, eu me
procuro
em cada canto e em cada meio
deste
círculo.
Já não gargarejo idéias nem
sorrio pensamentos;
já não tenho pegadas para seguir,
a não ser as minhas que sempre
penso voltar.
Meus sócias se auto-mutilaram,

resta-me, eu, e como resto
entro na fila dos mutilados
cujos membros a desconhecem.

FAVELA
(Ago/80)
(A nós, desconhecidos)

Faz muito tempo que não
me vejo,
ando com bastante saudades
de mim.

Quero almoçar bastante
espelhos e tomar um litro
de vinho,
depois deitar-me de barriga
pró ar e esperar-me
no primeiro pesadelo

Certamente ele virá
vitrificado e cheio de imagens.
Procurar-me-ei até
perder-me em mim mesmo.

Embriagarei minhas
imagens, que, tontas,

sairão garganta a fora
a procura de mais vinhos

Acordarei
acordarei e anunciarei o
meu achado:
_ desespero.

RESSONHAR

(set/80)

(A nós, retirantes)

No acalanto desse luar
morri como cigarra,
fiz desafios

e descambando retorno.

desfez-se as asas
e a matéria e a vida,
resta o sonho: bonito
bom e sonhador.

POEMA EM DOR MAIOR
AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR
PRESIDENTE
(Fev/81)
(A nós, famintos)

A
fome
mata.

AO AI-5, SEM IRONIA

(Fev/81)

(A nós, exilados)

Ó dona Lua
porque andas escondidas?
tens medo de corromper-me?

Ó não, dona Lua, não temas,
a minha escada não
te alcanças e os meus olhos
só te amam.

Ah! que bom seria
se fosses o meu
coração.

Como eu diria a minha
amada?...

Ah! sim! eu diria:

Agora tu es o meu coração...

- Que bom seria Heim H.G.721!

UM POEMA DIURNO PARA
MARY
(Mar/81)

(A Mara)
Incenso rude
não
reabre estradas
nem ressuscita flores

Mas

Degola pensamentos
e te faz
preconceitos

Enraizados
crônicos e
contínuos:

A felicidade não é uma
estrada amarela pintada
de vermelho.

AOS MEUS AMIGOS “COM
AMOR”
(Abr/81)
(A Pompeia)

Não devo abrir os olhos:
o mesmo aquário que está
envolto em meu corpo ainda
obriga meus olhos a nadarem

A mesma dor que
me faz só (em espécie)
ainda está sangrando na mão
esquerda de Cristo, juntamente
com a mesma flor noturna
que deveríamos plantar
ao amanhecer.

Não, não devo expulsar os
meus
amigos tenho muitos- só
porque
tecem teias, caminham no
telhado

e furam buracos na parede
que alugo. Já me confundo
com eles, e, não me assusto
com minha metamorfose.

RETIRANTE

(Mai/81)

(A Lima Barreto)

Nunca me senti só como já,
o que perdi é irreversível;
o que ganhei não me remove.
Comove.

Ganhei a idade que não
vivi e a barba rala que não
posso usar.

ganhei um sonho-os sonhos
são sempre bonitos - que veio
fora do tempo

Ganhei um amor que talvez
seja este sonho que veio
fora de tempo

Quem sabe sou retirante que
cansou da seca - da seca que
há dentro de cada um de nós –
e brigou com o tempo!?!

RETROCESSO

(Dez/80)

(A Rana)

Falta pouco para
decretar-me nulo.
somente, talvez,
o caminho que procuro
despir

Trilha-lo não é meta.
Meta é achá-lo.

Ando solitário.
Talvez seja este só
que somente sou
que possua a flor que
procuro encontrar.

PRELÚDIO NÚMERO UM
(Jun/81)
(Ao Peninha, em memória)

Não dá para arrancar-te de
minha
memória, como fostes
arrancados
da vida.

Não dá para ser o mesmo,
pelo menos por enquanto, pois
sei

eu, que esta mesma vida, me
fará

esquecer de ti, isto muito me
dói,

me cala, me revolta.

Não quero panfletar você,
quero apenas repudiar, sentir
asco

desse sistema, dessa vida
dessa morte.

Confesso que chorei, um choro
noturno

e doído. O sistema diz que os
fortes não choram; botaram na
nossa

cabeça, desde os tempos
umbilicais,
que homem tem que ser forte,
tem
que seguir o sistema; mas o
que
é ser forte? é criar leis!?
comprar armas? É ser
capitalista
e viver burguesmente?
É não sentir vez por outra
um nó na garganta?

Graças a Deus sou
um fraco!
e como você era
fraco, meu amigo!!!

ALIENAÇÃO

(A Mara)

(Jul/81)

O reverso de mim
talvez me faça mais feliz
do que o teu amor concreto

a vontade de dedilhar aquilo
que não temos, corrompe a
nossa
liberdade a tal ponto (porque
ponto?)
que gasto o tempo que tenho
tomando pinga no boteco do
vizinho.

Mas o tempo que tenho, é
pouco.
O meu tempo pertence aos
patrões.
Eles compram o meu tempo e
me obrigam a chamá-los de
senhores,

doutores e outros pronomes
que definem as suas castas.

... O medo de vê-la sem
tempo me assusta.

Ó PÁTRIA AMADA,
IDOLATRADA, SALVE...
(Jul/81)
(A nós, Tupamaros)

Preciso eu
de um poema mártir
desses que não me faltem
palavras.
Desses que tem fome, vive a
miséria e se propaga no
córrego Capim-Puba.

Precisa você
de um poema anti-
antimilitarismo
anti-mordomia
anti-ditadura

Precisam eles,
que nunca fizeram xixi na cama
de um poema aborto
de um poema assassino
de um poema corrupção
de um poema analfabeto
de um poema de amor burguês:
poder

PSICOSE

(Ago/81)

(A nós, agoniados)

Há tempos,
em que me perco
e não vejo o direito
que tenho,
de morrer.

É nesses tempos
que os dias dão risadas
noturnas nos meus tímpanos
e rebentam o meu coração
(que por incrível que pareça
fica do lado esquerdo dos
meus direitos.)

è nesses dias
que descubro o direito
que tenho,
de ser suíno,
embora prefira ser gente,
mesmo vivendo entre suínos.

PRELUDIO NUMERO DOIS
(Ago/81)

Não devo trair
a flor que há no teu
peito,
nem tampouco devo partir
antes da primavera

Mas há uma razão para
não caminhar
há uma razão para sermos
bandidos no dialeto dos
conspirados

há uma razão para
este rato cobaia não
se adaptar
aos bisturis e pinças
desses cirurgiões paranóicos:
- Gente.

PRELÚDIO NUMERO TRÊS

(Ago/81)

(A nós, poetas)

É com os detalhes que há
em meus olhos
que eu atrofio a vida
- E ninguém vê.

É com as impurezas do meu
coração
que eu quebro os dogmas
de “inumano” que há em
meu ser.
- E só o alfabeto vê

É com as lágrimas que
me faltam
que eu desconheço a minha
mente e indefino o meu
pulsar.

* (transurb, 18:40 horas -
Goiânia /Go.)

PRECISO VER A LUA
(Set/81)
(A nós, reais)

De repente
tenho que parar

Mas a idade avança,
avança sempre, e hoje
somos conflitos constantes,
eu e minha idade.

Parei criança
ela seguiu,
trouxe alguns pêlos para
o meu rosto, algumas
marcas para os meus olhos
e algumas dores de noites
de São João, quando me
proíbiam de pular fogueiras.

Hoje ela vota
vê filmes pornôis e ate me

dá a obrigação de ser
independente
e o direito de amanhecer
de olheiras embriagadas.

PRELÚDIO NUMERO
QUATRO
(Set/81)
(A Pompeia)

De repente você tem
vinte e quatro anos

Vinte e quatro anos
de mil e umas noites.
Vinte e quatro anos que
não se vence nem com
a última volta do ponteiro
das vinte e quatro horas
de um dia qualquer.

De repente os olhos
dizem-se velhos
e murcham como as
flores de asas brancas.

E a mesa, redonda, sempre
traz você, de vinte e quatro
anos,
você de sonhos perdidos, de
sonhos
nada sonháveis, você de viver
impreciso e preciso viver.

E de leveza aguda,
a cabeça tonta
amanhece um dia longo
e amorfo de olheiras
visíveis

Um dia de vinte e
quatro horas mortas
para uma vida de
vinte e quatro anos
documentados, apesar
de não vividos.

De repente
temos vinte e quatro anos.

AQUI JAZ; TALVEZ.

(Out/81)

(A nós, poetas)

E o poeta decidiu decapitar
os dois dedos da mão direita,

- Para nada ter a dizer.

Decidiu cortar as duas pernas,

- Para nada ter a fazer.

Decidiu perfurar o coração,
com o polegar esquerdo,

- Para nada ter que sentir.

Decidiu não usar óculos
e inutilizar suas duas pupilas,

- Para nada ter que falar.

_ para nada ter a viver,

Decidiu o poeta morrer.

CANTO NOTURNO I
(Set/79)

O que houve
de bom em mim,
foi essa flor lilás
que floresceu em meu
coração

Mas há muito
meus vômitos de sonhos
pereceram em espasmos
lilases

Há muito
meus vasos sangüíneos
levam veneno a minha flor

Há muito meu coração luta
com o tempo, que sempre
é muito para meus anos.

Até quando, bendita flor,
teremos tempo
para viver?

NOITE
(Nov/81)

(A nós, noturnos)

Pela primeira vez
te vendí,
digo,
me compraram você.

Jamais quis vendê-la,
mas feito mercenário
te traí,
e os nossos duendes,
com certeza, perderam
suas asas.

Te curti como bicho do mato
e te amava mais que
a lua

Pois você sempre foi minha
melhor amante,
a que mais me extasiou,
me coloriu, me fez
voar.

Você sempre virá
vestida de lua ou não.
mas por muito tempo,
ainda, terei que traí-la

A vida fez-me traidor,
mercenário, e por alguns
vinténs, que me dá o direito
de ter o que defecar todos
os dias.
Te traí.

Pelo medo da fome
pelo medo da vida
pelo medo do medo.
te vendi, noite.

DETALHE

(Nov/81)

(A nós, de amor quilométrado)

É muito cedo para
se falar de amor,
tão cedo que o amarelo
dos teus dentes ainda estão
por vir

Mas os kilometros sempre
infestam nosso coração
e mesmo de dentes brancos,
dizemos amantes.

SE EU FOSSE FALAR DE
SAUDADES
(Dez/81)

Se eu fosse falar
de saudades.
O revólver que há apontado
para o meu coração,
dispararia primeiro do que
minha
última lembrança de você

Lembrança presente, e sem
nenhuma veia de seiva bruta.
Só possuo artérias de seivas
elaboradas

Elaboradas por você:
musa e mulher
beijo e suor
orgasmo e fruto.

Fruto verde, somos,

para os alquimistas de
montanhas
burguesas

Mas o orgasmo
salubre, ou não,
pertence a nós

Nos de cabeças acopladas,
corpos em fusão e
almas agasalhadas.

CONFISSÃO
(Nov/81)
(A nós, ex-poetas)

Já fui poeta

mas o ato de cultivar
palavras
fez crescer meu coração,
e feito hipertenso,
meu pulsar vive em desnível.

AMORFOBIA
(Out/01)

Te amo tanto
que o amor que tenho por ti
nunca ousei dizer:

Ele me dói
e cresce
como um feto

me ignora,
e só tem você
como xeque-mate de
amarelinha.

Os meus transbordos de ti,
me dói ileso

E sinto crescer o suspiro
que emboca no meu coração e
flutua...

Flutua nostálgico,
e me embriaga constante.

E em grunhidos dementes,
tenho em mente, a ousadia,
também demente, de dizer-lhe
que te amo tanto
que mesmo insano, pronuncio
o teu nome.

AUTO DELATO
(Mar/82)

Precisamos ir até
o bar da esquina e
distrair nosso silêncio

Precisamos embebedá-lo
e fazê-lo mago

Precisamos muito
dar um beijo na luz
e falar do nosso orgasmo,
do nosso medo,

falar da minha neurose,
do teu stress,
falar, ainda, do nosso
amor

Precisamos muito:
pois há muitos pedaços
de mim esquecidos dentro

de você.

Há muitos pedaços de você
perdidos dentro de mim

Partamos, então, para
o bar da esquina.

CARTA MARCADA

(Abr/82)

(A nós, Videntes)

Pode ser que essa vida
seja um jogo e que a carta
marcada esteja na próxima
esquina.
mas não desejo regar flores
amarelas na cabeça da morte.
Prefiro, antes, encher a cabeça
de álcool e cruzar a pinguela
que minha mente criou
enquanto garrafas gargalham
o último gole do eu, bebedor
e os copos agridem,
mais uma vez,
os lábios, tontos do eu,
vivedor (?)

PRÁ NÃO DIZER QUE NÃO
FALEI DE DORES
(Mai/82)

Desculpe pelos meus cinco
dedos
molhados, mesmo sabendo tu,
da dor que deveras sente o
meu coração.

Desculpe esses gestos tontos,
esses dedos sempre molhados,
essa rouquidão insegura,
esse catarro constante.

... E com fome tenho de brincar
de sono, enquanto meus olhos
consomem a rouquidão da
noite e o
meu peito ensaia, com exata
democracia, um tango á
pneumotórax

Desculpe essa ida via vida.

PÁTRIA
(Jun/82)
(A Jussara-Go)

Os pecados dessa cidade
ainda gesticulam na minha
garganta e dificultam o
meu devorar.

Os fantasmas dessa cidade
ainda perambulam pelas
minhas veias
e tripudiam no meu
coração.

AQUI, 20 DE JULHO DE 1982
(Jul/82)

é com grande sarcasmo
que esta folha branca
zomba da minha incapacidade
de enchê-la de palavras

É com muita ironia
que as palavras não
se agrupam na minha
mente e teimam a não
obedecer ao meu poetar

E
é com esse medo obscuro
que contínuo a partir.
Não sei se para
Encontrar-me
ou se para engavetar
o sonho de parir um
novo mundo.

P.S.
(Mar/81)

I

As minhas palavras
para ti, são tão decrescentes
que morrem de vergonha de
serem escritas,
e ao pensá-las
morro de pena de ti.

II

Maldito seja o teu dedo
em riste!
bendito seja o mal que
poderia não existir em você

III

Ainda devo ser crucificado
antes de ensinar-lhe a
olhar o escuro e acender
a luz.

CIDADE GRANDE
(A nós, indigentes)
(Out/82)

E o bêbado de bochecha
inchada
que teima a brincar
de pirlimpimpim,
massificou-se debaixo de
um ônibus de turistas,
que partia a toda
velogamia para
a cidade pequena.

NATAL S.A

(A Cristo)

(Dez/82)

Meticuloso ficou o natal.
gesticulosos ficaram os
anúncios:
criminoso ficou Jesus.
vende-se tudo no natal.
Perfumes, roupas, carros,
sorrisos em close;
compram-se tudo no natal;
Há uma auto-indução em
massa
para se consumir tudo que
o dinheiro possa comprar:
cachaça, orgasmos, falsas
palavras. Há um consenso para
se ignorar os milhares de
Jesuses que nascem todos os
dias e que jamais completaram
33 anos.

Somos milhões de Herodes
que assassinamos todos os
dias milhares de crianças

com menos de dois anos
de vida.

Em nome das palafitas
dos casebres
e das favelas
Amém.

JUVENTUDE ALIVIADA

(A Jussara-Go)

(Jan/83)

Do manso recanto,
resta só o passado
onde eu me embriagava
ao romper do dia e onde
hoje, vejo apenas
a estrada inchada de
transeuntes que se agoniam
nas pétalas das margaridas.

Há muitos agoniados nessa
cidade,
que esperam, sem nenhum
sonho, o dia de sugarem
os seios de suas esposas.

VIDA I
(Ao Hugo)
(Mar/83)

Esse feto que se
incha e se faz,
que se propaga e
se alimenta
que se move e
sonhará

Nascerá como minha
inspiração,
virá, como vem
o grito, o estalo, o clic
da vida.

será vida.

que seja cor.

GENTE GRANDE
(Nov/84)

Muito me dói
ver-te como gente-grande,
nem bem rompeu-se o nó,
cego, talvez,
e já cogitas jogar
duro c/ a vida.

Criar status
e a priori, tornar-se
burguês.

A amizade está ameaçada
preparem as crianças,
os velhos e os jovens.
A tumba será sempre
a mesma:
Burguês ainda que tardia.

MUDANÇA
(Dez/85)

Temos que partir.
Já não temos sal
o nosso gás acabou-se

as nossas panelas
estão amassadas
e nossos corações já não
saltitam como antes

Temos que partir
repintar os cabelos
pardos
obturar os velhos dentes

E replantar a liberdade
nas nossas peles.

MORTE E VIDA SEVERINA
(Set/90)
(Ao irmão de vida, Deídes in
memoriam)

caro irmão Dé
não dá para concordar com
Deus
era muito cedo para partir
mal nascemos, quase não
vivemos.

sonhos infundados, planos
inacabados
projetos abandonados
foi o que sobraram

Os amigos sumiram,
poucos sobraram

Imóvel
teu corpo, tua vida
Jaz.

MODERNIDADE
(Nov/90)

Noventa!
ano esquisito
gente-pobre
mais pobre
gente-rica
mais rica.

AMOR
(Jul/91)

O amor passou bem
ali e azulou meu coração
porém, não ousou azular
os teus lábios, quem sabe
um dia quando o amor
colorir meu coração
ousarei mergulhar no azulão
do teu céu.

HIPOCRISIA (Jan/97)

1996 ... Ano grande. Ano pequeno. Tantas hipocrisias, tanta calamidade, tanto silencio. um miserável morrendo à míngua, entre dezenas de outros; dois dias sem atendimento médico... no momento está em coma. ele pode morrer? Indaga o repórter.

- Tranquilo que pode. responde a chefe do hospital “doutora sei lá das quantas”. Tranquilo... palavra esquisita em momento ainda mais esquisito. A TV nos mostra e simplesmente voltamos a assistir à novela minutos depois e nada fazemos. Quanta hipocrisia. Quanta vergonha eu sinto, de quanto silencio eu também faço, como os outros. Quanto espanto eu sinto. Quanta indignação, quanta falta de vergonha na cara.

Pobre brasil. Acorda brasil. Socorre os teus entes, que a míngua perambula pelos corredores dos hospitais pútridos, digo, públicos, com homens de roupas brancas e almas escuras, encardidas, maltrapilhas, muito mais maltrapilhas do que as chagas dos infelizes que lá se amontoam e se tornam estatísticas na semana seguinte.

Acorda Brasil, socorre os teus entes, antes que a bondade desapareça de vez do teu coração. Acorda esse sentimento Brasil, chamado bondade, é isso que te falta: bondade. Vamos nos unir, esquecer esse governo, esse partido, essa igreja. Vamos unir nossos corações e praticar, a palavra é essa, praticar bondade.

Quantos se foram sem nada dizer, e tanto teriam para dizer, mas nada disseram.

Deixaram para depois. e o depois foi curto, foi breve e nada pode dizer, nada pode fazer, vamos fazer agora, vamos praticar agora, vamos agir agora, mas como agir!?

Há tanta novela para vermos, ha tantos vestidos para comprarmos, Ha tantas festas para nos irmos, ha tanta fartura a nos esperar, ha tantas fofocas “deliciosas” nas revistas de TV. Como nos sobrar  tempo para agirmos? Como sobrar  tempo para preocuparmos com meia hora de jornal de TV que nos mostra seres de “outro” planeta com suas mazelas e misérias.

Não, não temos tempo para isso, a novela já está
começando e logo depois
um colchão macio nos espera em um quarto ventilado.
...1997

ÁFRICA
(Jan/97)

Fome na África,

filas quilométricas de tortos negros
com trouxas capengas e filhos pastoreados
por urubus,
que premeditam com instinto sarcástico
as capengas passadas dos pequeninos deserdados
por nos.

por nos sim, pobres humanos, espécie esquisita.

no sinal de TV realidade esquisita se torna irreal.
pobre África, irmã querida,
esquecida,
deixada,
deserdada.

quanto alimento te falta ó África,
quanto alimento te farta ó América,
quanta fome te afliges ó África.
quanta riqueza te sobra ó Europa,

pobre África, irmã querida,
quanto choro te alagas, quantas tribos te dizimam.

pobre América, quanta hipocrisia te passas,
quanta bondade te falta ó Europa.
pobre África.
pobre Europa.
pobre América.

FELICIDADE

(Jul/00)

Tocar o teu corpo como eu toquei...
foi puro voar, navegar.
foi puro sonhar

tocar meu corpo como você tocou...
foi puro prazer, êxtase.
Quase veneno...

Mergulhar em ti como eu mergulhei...
me senti gaivota,
te senti vulcão...
emoção...imensidão...
tesão...

PARTIDA
(Fev/00)

Estou saindo...
Não me peças para ficar.
Quero partir feito chuva miúda
Sem raios, sem trovões.
Não me peças para ficar...
Vou bem devagar, para aprender
Com o tempo a não te machucar,
Queria muito ficar. Mas sinto que já vou
tarde.
A liberdade sonhada me instiga dia a dia
E eu bailo feito vento ao seu encontro.
Não me peças para ficar....

Deixe-me tropeçar feito criança,
Deixe-me voltar a ter aquele brilho nos olhos
Que somente o adolescente e o louco
de coração possui.
Não me peças para ficar...

Estou saindo... Já fiquei o bastante,
E se mais demorar não acharei
O caminho que perdi
Se é que perdi.
Estou saindo.
Não me peças para ficar...

O sonho é o meu alimento
E a subnutrição a muito já habita minha
alma.
Portanto... não me peças para ficar...

Vou bem devagar, para aprender
com o tempo a não te machucar.

O agora me tortura, me corrói e me
incrimina,
Mas o amanhã me fascina, me encanta
e me faz sonhar, mas não me peças para
ficar...

Vou bem devagar, para aprender
com o tempo a não te machucar.

Por favor,
não me peças para ficar...

TRAVESSIA

*Noite fria...
Luar a pino...
BR deserta...
Madrugada adentro...
Felicidade a deriva.*

*Meu coração demente,
Teu coração doente.*

*Teu beijo caliente
Foi tiro na vidraça.*

*Minha cura pode estar
Nos teus beijos,
E a tua cura estará
Nos meus?!...*

*Há tantas batalhas a serem
Travadas,
Mitos a serem derrubados,
Preconceitos a serem vencidos.*

Manter o silêncio para

*Acalmar os feridos e,
Buscar no tempo a
Sonhada felicidade.*

*Caminhar entre entes e
Manter-se ileso, é tarefa
Árdua para corações
Doentes...
Mas não impossível
Para corações valentes.*

CERCO
(Nov/00)

*A felicidade
andou me rondando...
Senti teu cheiro, teu
aroma, teu brilhar.
Senti teu perfume
inebriante afagar
Minha alma e incendiar
meu coração.*

*A felicidade
andou me rondando...
passou tão rápida, veloz,
fugaz,
Que nem tempo eu tive
de mim
Agasalhar.*

*Hoje eu sinto frio, muito
frio,
Como sempre senti...*

*A felicidade
andou me rondando...
Mas nem rastros ela
deixou.
Deixou apenas uma
montanha
De ira, insanidade e
intolerância.*

*A Solidão
anda me rondando...
Já sinto teu odor, teu
silencio, tua dor.
Tuas garras teimam a
encontrar-me.
Fujo feito caça em mira de
caçador.*

*A esperança,
Sempre me rondou...
É minha companheira,
cúmplice, irmã.
Por ela já arrebentei
amarras, abri feridas...*

*Por ela coloco minha alma
a risco*

Pedestre
(Mai/00)

Um vulto cruza.
Cruza a pista.

Cruz na pista.

DILÚVIO
(Nov/02)

E o tempo trouxe o dilúvio
Com trovões e vendavais,
mas as raízes do nosso destino
é mais profunda do que esse tempo
miúdo,

nossa saudade é muito maior
que essa tempestade passante,

e o próprio tempo, tão lento, nos
ensina
a esperar, maturar, ungir o nosso
amor.

Alimentar-se de esperanças e
saber viver o momento, mesmo com
cinzas nos olhos,

“Basta ser sincero e
desejar profundo”

PIPAS
(abril/01)

Tenho andado tão em nós
que já não sei se estou em mim ou em
você...
enquanto as folhas caem e as flores
nascem,
um novo dia sempre vem para dar-me
mais uma chance de amar você...

Eu sinto ventos a esvoaçar minhas palavras
que partem feito "pipas" a te procurar...
mas nem sempre elas te encontram e se
perdem no horizonte feito Gaivotas...

E para cada Gaivota que se perde no
horizonte,
Eu crio pensamentos que fustigam meu
coração
E dificulta o meu caminhar...

Mas meus pensamentos andam por aí a te
buscar,
para afugentar os fantasmas que
perambulam em meu coração....

E se a sua mensagem não chega
eu não me encontro, fico perdido, distante,
ausente de mim mesmo...

Ao encontrar você, sei que estou em casa,
abrigado com um teto, que além de sombra
e colo me dá muita luz...

Durante anos sei que caminhei em trevas e
ate me acostumei a isso, e agora ao ver
tanta luz,
tanta cor, não consigo ordenar meus
pensamentos
e vez por outra te aprisiono dentro de mim....

VITOR
(Jun/09)

Eu sempre estive aqui,
Lutando no escuro e gritando no silencio...
Eu também tinha certeza que a asa que me
faltava Também lutava e gritava...

Mas a nossa luta não era contra um inimigo
ou um alvo conhecido,
a nossa luta era contra todo um sistema
Que nos obrigava a viver uma “vida de gado”
...

MEDO DO TEMPO.

(Jun/09)

Quantas vezes ouço a sua voz
e estremeço
pronuncio seu nome
e sorrio
me lembro dos seus olhos
e sonho.

Quantos dias ainda haverá
prá lhe abraçar, lhe amar
e ser feliz segurando a sua mão.

Quantas palavras ainda vou dizer
e repetir que lhe adoro,
e lágrimas, quantas,
vou derramar pelo caminho.

O tempo, como vou contá-lo
a partir do segundo do nosso encontro,
a começar pelos minutos do nosso beijo.

Quantos dias estaremos juntos
quantas noites estaremos acordados
quanto ainda falta, quanto já temos,
quanta solidão ainda.

NOITE
(Out/01)

Apesar da dor, do sono distante
E da febre constante
A aurora chegou...
Veio bonita, radiante,
Como a ignorar toda minha
Angustia noturna

E em cada pensamento
Dessa noite a solidão era
companhia presente

A febre,
companheira inseparável da dor
fazia gangorra em meus pensamentos

E nem meus gemidos trêmulos
Encontrava você...
Embrenhei-me em matas,
mergulhei em rios sem fôlego...

Fui sacrificado,
imóvel e impávido, por leões
de jубas pretas e dentes negros...

O suor brotou
desse corpo nu, encharcando
todo o leito:
Arena de toda minha solidão.

Saudade do Futuro
(Jan/02)

Como é manso esse rio que corre para o futuro
Quantas chuvas correram para seu leito
Quanta saudade correu para seu fundo

Há muitas trilhas, grutas despenhadeiros,
que nada mais foram do que caminhos
percorridos, aprendidos, compreendidos e,
Esquecidos.

Não tenho saudade desse leito...
Eu quero o futuro...
Quanta saudade eu sinto do futuro...

O tempo não nos ensina nada
ele apenas nos carrega em dilúvios,
se formos marinheiros navegaremos
por rios de paz.
Se não, seremos enxurradas.

Outro tempo nos carrega
em ventos e tempestades,
se formos balonistas aproveitaremos
os ventos para alcançarmos sonhos distantes.

Se não, seremos apenas avestruzes.

REENCONTRO

(Dez/04)

*Ando me sentindo assim,
Meio no colo de Deus.
Há muito tempo que minhas pernas
Tentava acompanhá-lo, mas não era fácil.
Ele me parecia cada vez mais distante.
Não sei se era a falta de penas
em minhas asas
Ou falta de luz no meu coração
Que sempre me levava por caminhos
Que não eram meus.*

Mas um dia
Abandonei esses caminhos,
Encontrei você, que me levou
Ate o colo “D’ele”, sem nada pedir em troca,
Simplesmente me acolheu,
Limpou minhas feridas,
E recolocou penas em minhas asas.

Agora só me resta voltar a voar!

Travessia - Valdir Leite Queiroz

Publicado em Agosto/12

Contato com o Autor:
mqm.advogados@gmail.com
www.avbbrasil.org.br

Publicado em maio/19

Contato com o Autor:
mqm.advogados@gmail.com
www.avbbrasil.org.br

Valdir Leite Queiroz é
Advogado e Peregrino.
Natural de Jussara/GO.
Reside em Goiânia/Go.
Presidente e fundador da
ONG AVB Brasil (<http://www.avbbrasi.org.br>). Quatro
livros publicados - Libertar
Passarinhos, 1999 - Poesias;
Os Donos do Céu, 2006 -
Crônicas; O Libertador de
Bonsai, 2012 - Crônicas e
Saudade do Futuro, 2016 -
Crônicas. Poeta temporão.

Tempo

E o tempo chegou,
Veio montado em um corisco
Tão rápido, tão veloz
Que nem tempo tive
De apear da minha
Adolescência.

Quantos ensaios de rugas
Já apregoas na minha face
E eu ainda nem perdi
O gosto por bolo de padaria.

Já amarelas os meus dentes,
Pintas de branco meus cabelos
E aninhas um cotidiano métrico
Na minha vida
E eu ainda nem perdi
O cheiro de picadeiro
De circo.

